

Antologia organizada por  
Maria Luísa Malato

# *Catarina de Lencastre*

*1.ª Viscondessa de Balsemão*

[Guimarães, 1749 - Porto, 1824]



de minimis

Sociedade Martins Sarmento  
Guimarães, 2024

Antologia organizada por  
Maria Luísa Malato

# *Catarina de Lencastre*

*1.ª Viscondessa de Balsemão*

[Guimarães, 1749-Porto, 1824]



de minimis

Sociedade Martins Sarmiento  
Guimarães, 2024

---

*Catarina de Lencastre, 1.<sup>a</sup> Viscondessa de Balsemão*  
*Antologia organizada por Maria Luísa Malato*

**Autora**

Catarina de Lencastre

**Apresentação e Fixação dos textos**

Maria Luísa Malato

**Coordenação**

Antero Ferreira

**Edição**

Sociedade Martins Sarmiento

Rua Paio Galvão

4814 509 Guimarães

Novembro de 2024

**Coleção**

de minimis / 003

**ISBN**

978-989-8706-20-1

**Depósito-Legal**

Este trabalho foi elaborado no quadro das atividades do grupo de investigação «Pessoas, Mercados e políticas» e é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04059/2020, DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

Publicação com o apoio do Município de Guimarães



MUNICÍPIO DE  
GUIMARÃES



# Índice

Nota de Apresentação	<i>p. 7</i>
Prefácio	<i>p. 9</i>
Antologia:	<i>p. 17</i>
Décima à Primavera	<i>p. 19</i>
Soneto sobre o Amor	<i>p. 20</i>
Soneto sobre o Sossego	<i>p. 21</i>
Soneto do Desassossego	<i>p. 22</i>
Sobre o falso engano	<i>p. 23</i>
Soneto de despedida ao Douro	<i>p. 24</i>
Ode à liberdade das amantes	<i>p. 25</i>
Ode anacreôntica sobre a matemática do Amor	<i>p. 27</i>
Soneto [falsamente atribuído à Marquesa de Alorna]	<i>p. 29</i>
Fábula da Abelha	<i>p. 30</i>
Décima ao Estio	<i>p. 31</i>
Soneto a Elmano [Bocage]	<i>p. 32</i>
Mudança	<i>p. 33</i>
Soneto sobre o fingimento poético	<i>p. 34</i>
Epístola sobre o fingimento poético	<i>p. 35</i>

Soneto sobre a crueldade de um amante	<i>p. 39</i>
Ode à imortalidade física, deduzida da breve existência do homem	<i>p. 40</i>
Soneto falsamente atribuído a Paulino António Cabral, Abade de Jazente	<i>p. 43</i>
Tesouro	<i>p. 44</i>
Décima ao Outono	<i>p. 45</i>
Cultura	<i>p. 46</i>
Soneto sobre uma rota	<i>p. 47</i>
Fábula da Aranha e do Mosquito	<i>p. 48</i>
Ode anacreônica sobre o amor em velha	<i>p. 50</i>
Ode à partida dos nossos Compatriotas do Regimento de Campo Maior para Cádiz, em auxílio dos Espanhóis (1810)	<i>p. 52</i>
Décima ao Inverno	<i>p. 56</i>
Soneto sobre uma pintura	<i>p. 57</i>
Ode sobre o Convívio [Praia de Alvidrar, Sintra]	<i>p. 58</i>
Quintilha sobre a paz possível no caos	<i>p. 60</i>
Regulamento para uma sociedade em Sintra	<i>p. 64</i>
O jogo do voltarete	
“A bulha do Jogo do Voltarete entre Mme. Bourra/ e C. R. Freire”	<i>p. 67</i>
Amor e envelhecimento	<i>p. 72</i>

Velhos temas	<i>p. 74</i>
Soneto à Amizade	<i>p. 77</i>
Soneto sobre o Conhecimento	<i>p. 78</i>
Soneto sobre o Envelhecimento	<i>p. 79</i>
Epístola ao Vinho do Porto	<i>p. 80</i>
Soneto sobre o Tempo	<i>p. 82</i>
Fábula do Galo importuno	<i>p. 83</i>
Soneto sobre as estações da vida	<i>p. 84</i>
Fábula do Cuco	<i>p. 85</i>
Canção à Música	<i>p. 86</i>
Soneto autobiográfico	<i>p. 90</i>
Soneto ditado ao confessor à hora da morte	<i>p. 91</i>
Uma Fábula sobre Autores	<i>p. 92</i>





*Em 2008, a Sociedade Martins Sarmiento iniciou a coleção de minimis, dedicada a textos marginais, obras imperfeitas, peças acidentais e outros objetos avulsos de reduzidas dimensões, recolhidos nos salvados de autores consagrados, esquecidos e imprevistos.*

*Por ocasião do bicentenário da morte de Catarina de Lencastre (Guimarães, 1749–Porto, 1824), a Sociedade Martins Sarmiento promoveu um ciclo de sessões que se realizaram ao longo do ano de 2024, coordenadas por Maria Luísa Malato e Francisco Tópa, em que se procurou dar a conhecer esta autora vimaranense, partindo da sua cidade natal.*

*Neste contexto, decidiu-se lançar um volume da coleção de minimis, com uma antologia da poesia de Catarina de Lencastre, 1ª Viscondessa de Balsemão, organizada por Maria Luísa Malato, cumprindo assim a missão de divulgar a obra de uma importante figura da literatura portuguesa.*





## PREFÁCIO

Catarina de Lencastre nasceu em Guimarães, no dia de S. Miguel, a 29 de setembro de 1749, e veio a falecer no Porto, a 4 de janeiro do ano de 1824. Celebram-se em 2024 os 200 anos da morte de Catarina de Lencastre e os 275 anos do seu nascimento. Poeta entre os poetas mais famosos do seu tempo, poucos conhecem hoje este nome, que honrou desde cedo o nome de Guimarães e o de seus pais, os Senhores de Vila Pouca, e que, em sua vida, marcou a vida literária em Portugal.

Criada numa família tida por herdeira de Camões, Mariana Alcoforado ou Soror Maria do Céu, Catarina de Lencastre casou depois com o diplomata Luís Pinto de Sousa, e por casamento tornou-se 1.<sup>a</sup> Viscondessa de Balsemão. As viagens em que acompanhou o marido, nomeadamente no período em que foi embaixador em Londres, permitiram-lhe um contacto mais próximo com os intelectuais portugueses e estrangeiros que se foram aproximando do ambiente cultural inglês. A marca contestatária deixada em Londres pela diplomacia de Sebastião de Carvalho e Mello, depois Marquês de Pombal, certamente contribuíram também para a responsabilidade

cultural que Catarina de Lencastre tomou para si, apesar de não existir tradição de uma influência feminina na diplomacia portuguesa: diz-se que, quando chegou a Inglaterra, passou o primeiro ano sem quase aparecer em público, passando o tempo a aprender línguas e a ler os escritores que se tinham nelas notabilizado.

Quando o marido foi chamado a Portugal pelo Marquês de Pombal para negociar os contratos de casamento dos príncipes com a Casa Espanhola – ou quando, já depois do desterro do Marquês de Pombal, ele assumiu o cargo de Ministro do Reino e de Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra – a casa dos Viscondes de Balsemão manteve-se um local de convivência política e literária. E depois da morte do marido, em 1804, em vez do recolhimento a que as viúvas geralmente se votavam, mais frequentemente ainda a encontramos em manifestações públicas de apoio aos soldados que defenderam o país durante as Invasões Francesas da Península Ibérica, ou durante as manifestações de entusiasmo pelo afastamento dos Ingleses do governo do país e pelo regresso do rei D. João VI do Brasil. Catarina de Lencastre, a crer da abundância das cópias e das composições trocadas com outros poetas, usufruiu então de uma influência considerável no panorama literário português. Muitas das suas composições dialogam com as que

se encontram impressas na obra de Leonor de Almeida, (Marquesa de Alorna), Manuel de Bocage (Elmano Sadino), Nicolau Tolentino, Ribeiro dos Santos (Elpino Duriense), Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio) ou até de um poeta muito mais novo como Francisco Bingre (Francélio Vouguense). Já com cerca de 70 anos subiu ainda ao mesmo tablado do jovem Garrett, declamando poesia para multidões entusiasmadas. Foi nessa época talvez mais celebrada do que muitos destes nomes. Escreveu tragédias e comédias, odes de guerra e fábulas jocosas, vencendo aquela imagem de “anjo puro” que depois Virginia Woolf identificava como o mais castrador da criação feminina. Escreveu pois, por vezes, versos “pouco femininos”.

Porque a esquecemos? Porque a Memória, como o Esquecimento, pouco tem a ver com a produção ou o mérito. Esquecemos e lembramos porque é mais fácil esquecer ou lembrar certos nomes, certos eventos. E só por isso devíamos rever regularmente a História, as histórias, que contamos. A História da Literatura Portuguesa foi esquecendo a obra de Catarina de Lencastre porque não era possível lê-la em letra impressa. Esta breve antologia contém assim, na sua maior parte, poemas inéditos, raros porque são do conhecimento de poucos, porque foram resgatados aos papéis volantes que circularam entre a família, os salões literários e os admiradores da sua verve que

dos manuscritos foram cuidando. O primeiro caderno organizado é de 1788 (tinha já Catarina de Lencastre quase 40 anos). A última composição datável é do dia em que morreu, 4 de janeiro de 1824. Quase sempre reúnem composições sem data, com algumas, mas poucas, variantes.

Devemos reconhecer o que está na base da nossa memória cultural: um cuidado transmissível e transmitido, persistente. Conhecemos Bocage, Tolentino, Filinto Elísio (Francisco Manuel do Nascimento) – contemporâneos, interlocutores de Catarina de Lencastre nos salões literários. Mas conhecêmo-los sobretudo porque eles foram tendo a sorte, a necessidade ou a vontade de se verem impressos.

Ao contrário de Bocage ou de Francisco Manuel do Nascimento, Catarina de Lencastre viveu aparentemente satisfeita com o facto de fazer e dizer poesia. Raramente a escrevia com o seu próprio punho. Dizia a maior parte dos poemas em voz alta, improvisando por costume. Outras vezes ditava. As pessoas que a ouviam registavam, tomavam nota, reunindo em cadernos o que iam ouvindo ou reconhecendo em outros cadernos. Não cremos que tenha publicado em vida mais do que umas odes para incentivar os soldados portugueses a lutar contra os invasores.

Uma segunda razão se pode evocar, ainda: a de Catarina de Lencastre ser uma mulher e, na época, serem muito pouco

comuns as mulheres que publicavam. Não o desejavam, não o procuravam fazer, nem publicitar a sua obra manuscrita era bem visto. Conhece-se hoje a obra de Leonor de Almeida, amiga (“e rival”) de Catarina de Lencastre. Mas a própria Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna, ficou depois conhecida só porque os seus filhos lhe imprimiram a obra, já em meados do século XIX. No século XVIII, a mulher era tradicionalmente silenciosa. Dava-se bem, quando muito, com palavras manuscritas ou volantes. E tantos outros manuscritos há ainda a visitar nas nossas bibliotecas...

Gente aparentemente calada, inexistente, dir-se-ia. E, no entanto, no entanto..., se lermos a poesia de Catarina de Lencastre, surpreende-nos o seu à vontade poético, a sua crescente intervenção política, a mordacidade das suas fábulas, a qualidade dos seus sonetos, a ousadia das suas odes, a pedagogia do seu teatro, escrito para ser representado em contexto de salão, ou pelos netos em ocasiões festivas. Numas composições, lamenta as ideias feitas de uma sociedade que nunca vê que uma mulher pode ser soldado, noutras o preconceito dos que não veem que uma velha pode ainda sensualmente amar...

Morreu aos 75 anos, ditando poemas ao padre que lhe tinha dado a extrema-unção: os primeiros poemas líricos que Catarina de Lencastre teve impressos foram os que saíram no jornal que noticiava a sua morte.

Estranha e bela forma de morte a que anuncia ainda Vida:

“Não me negues, Senhor, tua piedade!  
Tiraste-me do abismo da imprudência,  
Dá-me uma venturosa Eternidade!”

Maria Luísa Malato, Universidade do Porto  
Francisco Topa, CITCEM, Universidade do Porto  
Antero Ferreira, CITCEM, Universidade do Porto

Para saber mais sobre Catarina de Lencastre:

Malato Borralho. Maria Luísa (2008). “*Por acaso bum viajante*”: a vida e a obra de Catarina de Lencastre, 1.<sup>a</sup> Viscondessa de Balsemão (1949-1824). Lisboa, IN-CM. No prelo da IN-CM encontra-se a edição da sua obra (quase) completa.

Cunha, Zenóbia Collares Moreira (1992). *O pré romantismo português: subsídios para a sua compreensão*. Lisboa: Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Catarina de Lencastre, Viscondessa de Balsemão, Wikipédia:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina\\_de\\_Lencastre,\\_Viscondessa\\_de\\_Balsem%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina_de_Lencastre,_Viscondessa_de_Balsem%C3%A3o)







# Antologia



## DÉCIMA À PRIMAVERA

Pelos vizinhos vales vem trotando  
A roxa violeta mui vistosa,  
E o rouxinol ao longe já trinando  
Não cessa com a cantiga sonora;  
Também a linda Aurora  
Alegre rompe agora...  
Eia pois, ó Nápeas,  
A primavera está anunciada;  
Surjam pois as coreias  
Em louvor da Estação apavonada.

## SONETO SOBRE O AMOR

Qual Vesúvio que chamas vomitando  
As vizinhanças com terror abala,  
Vendo-se em cada eco quando estala  
O número das chamas aumentando,

Assim eu, como aquele sufocando  
O vivo incêndio que o meu peito cala,  
Sofrer não posso mais — rompe-se a fala  
Qual chama que o monte está brotando.

Ora me move a ira, ora a amizade...  
Equivocando a causa do tormento,  
Sinto só do meu fado a crueldade.

Mais suportar não posso, e assim intento  
Antes mostrar de amor atividade  
Que sofrer um cruel constrangimento.

## SONETO SOBRE O SOSSEGO

Quem me vir neste sítio inabitado,  
Sem trato, sem recreio, até sem gente,  
Há de julgar que vivo descontente,  
Mas é seu pensamento muito errado.

Aqui do mal não sinto o desagrado;  
Do rio não perturba a grossa enchente;  
O campo vejo às vezes florescente,  
Bem que seja de montes circundado.

Aqui não há lisonja, há só verdade.  
Aqui nunca se vê o fingimento,  
Como por lá se encontra na cidade.

Ah, se me não viesse ao pensamento  
O objeto da minha saudade,  
Como lograra aqui contentamento!

## SONETO DO DESASSOSSEGO

Que alegre dia! Como o sol dourado  
Estes vizinhos montes vai cobrindo!  
Nas cristalinas águas refletindo  
Já os seus raios tem multiplicado!

Como se vê dum lado e doutro lado  
O húmido vapor ao Céu subindo!  
E das pequenas nuvens dividindo  
A sombra feia que entristece o prado!

Que agradáveis objetos! Que alegria  
Respira quanto vejo e quanto admiro  
Desde que nasce o sol e acaba o dia!

Só eu contentamentos não respiro;  
Porque a minha mortal melancolia  
Se nutre da aflição com que suspiro.

## SOBRE O FALSO ENGANO

Parda sombra estes montes vai cobrindo!  
Do dia já não vejo a claridade!  
Uma triste e medonha escuridade  
Vai aos horrores tudo reduzindo!

Já das noturnas aves vou ouvindo  
De tristes ecos uma imensidade!  
E não sei se é engano ou se é verdade  
Ir hórridas fantasmas descobrindo!

O coração me treme!... O peito cheio  
De cruéis aflições vejo cercado  
Do mais pérfido e bárbaro receio!

Quem pudera perder todo o cuidado,  
Ou das lisonjas vãs em que não creio,  
Ou dos males que os bens têm causado?



## SONETO DE DESPEDIDA AO DOURO

Adeus, Douro feliz, tua corrente  
Tranquila banhe as deleitosas praias,  
Do teu antigo leito nunca saias,  
Não perturbe o teu curso a grossa enchente.

De ti me aparto triste e descontente...  
Meus males vou contar às altas faias.  
Ah, queira a sorte, oh, rio, que não caias  
Em desgraça como esta, que a alma sente!

Goza ditoso a vista alegre e pura  
Das Ninfas que estas praias vão calcando,  
No seio do prazer e da ventura.

Que eu, em continuas mágoas flutuando,  
De lá te mandarei, se a vida atura,  
Minhas ternas lembranças suspirando.

## ODE À LIBERDADE DAS AMANTES

Dalmiro, não me atormentes,  
Deixa-me enfim respirar,  
Não posso por mais que queira  
Teus caprichos contentar.

Pretendes que cega e muda  
Só exista para ti?  
Que desconheça, que ignore  
O prazer para que nasci?

Se aquele que me procuras  
Fosse mais puro e sincero,  
Eu quisera o que tu queres,  
E tu o mesmo que eu quero.

Porém, não: tu desconheces  
Essa regra de igualdade,  
Que nos dera a cada um  
O uso da liberdade.

Se eu crera teus juramentos  
Quais outrora me fizeste,  
E fora a tua ternura  
Franca como prometeste,

Não vira no teu semblante  
Espalhar-se a escuridade,  
Qual a nuvem que anuncia  
A próxima tempestade...

Incertos teus movimentos  
Tuas expressões confusas,  
Balbuciar incoerente  
Mal acertadas escusas. [...]

Não te queixes de ninguém  
Se os pulsos me vês soltar:  
Tanto apertaste a cadeia  
Que a fizeste quebrar.

Toma, pois, o meu conselho,  
Filho da pura verdade,  
O amor que nasce livre  
Só vive da liberdade.

## ODE ANACREÔNTICA SOBRE A MATEMÁTICA DO AMOR

À minha imaginação,  
Que nunca está em sossego,  
Busquei dar se era possível  
Algum difícil emprego:

Discorri todo o universo,  
Cuidadosa e diligente,  
Por achar alguma coisa  
Que escapasse a outra gente.

Quis calcular de um só golpe  
A soma dos inconstantes:  
Foi fácil juntando todos  
Quantos dizem ser amantes.

E se poucos por acaso  
Saem da ordem geral,  
Mal se percebe a diferença  
Quando se soma o total.

Depois passei aos ingratos:  
Vi à custa de meus males  
Que, somando a conta toda,  
Mais que todos juntos vales:

Vi que me tinha enganado  
De entrar nesta nova empresa:  
É melhor temer o mal  
Do que tê-lo com certeza.

Vi que a soma dos possíveis  
Ninguém pode calcular:  
A minha imaginação  
Deixei solta então voar...

## SONETO [FALSAMENTE ATRIBUÍDO À MARQUESA DE ALORNA]

Fecunda Natureza, em vão procura  
Contigo competir a Arte engenhosa.  
Tu és mais agradável, mais formosa  
Do que quanto inventou a Arquitetura.

Como vem despenhada esta água pura!  
Como se vê esta árvore frondosa,  
Convidando na sesta mais calmosa  
A gozar do sossego e da frescura!

Sítio feliz, se fosses habitado  
Por quem livre de amor e de tristeza  
Só em ti limitasse o seu cuidado,

Então seria (que ditosa empresa!),  
Em verso brando, em verso delicado,  
Visto todo o poder da Natureza.

## FÁBULA DA ABELHA

A Abelha vai cuidadosa  
Das flores o mel formar,  
E ocultando os seus trabalhos  
Não cessa de trabalhar.

Guarda zelosa o produto  
Do trabalho que tivera,  
E não lhe serve de nada  
Nem o favo, nem a cera.

Porém, se vai atrevida  
Roubá-la maligna mão,  
Sente aquele que a persegue  
O seu agudo ferrão.

Nisto se vê como pode  
Defender-se, felizmente,  
Inda de forças maiores  
O que estiver inocente.

## DÉCIMA AO ESTIO

Os ancinhos de Ceres pelos montes  
As messes vão ceifando,  
E de noute, nas moutas, mil pirilampos  
A esmo vêm voando.  
Apressai-vos, ó lindos amorezinhos,  
Com verdes rosmaninhos,  
E se eleve a fogueira  
Em honra do Santinho Precursor;  
Mas guardem a maneira  
De reunir as Graças com Amor.



## SONETO A ELMANO [BOCAGE]

Enfim respiro, Elmano, estão quebrados  
Os laços que até agora me apertaram,  
Que por desgraça minha prepararam  
Quase sem o sentir os cruéis fados.

Mil queixas, mil suspiros magoados  
Por desafogo meu o ar toldaram,  
Mas, surdo a meus clamores, não chegaram  
A despertar por mim os teus cuidados.

Sofri teu génio caprichoso e duro,  
Conheci teu carácter inconstante,  
Calculei qual serias no futuro.

Custou-me, mas venci, feliz instante!  
Vê se podes achar, não to seguro,  
Quem sofra em paz teu génio extravagante.

## MUDANÇA

Já das férteis campinas do Mondego  
A fortuna invejei do triste Douro;  
Pelas margens calquei areias d'oiro,  
Ora com sustos, ora com sossego.

Da branda lira no suave emprego  
Mais que em riquezas tinha o meu tesouro  
E, se às vezes me ouviam, sem desdouro  
Imitava as canções do Cantor grego.

Hoje, pois, felizmente desterrado,  
Com os ternos filhos no meu pátrio abrigo  
Tenho do peito meu todo o cuidado.

Contente de viver assim comigo,  
De todo o coração desenganado,  
Não choro os males, nem o bem antigo.

## SONETO SOBRE O FINGIMENTO POÉTICO

Pretende sem razão o namorado  
Que amor inspira a todos os viventes,  
Que as cousas sempre são indiferentes  
Se amor lhes não tiver o sal lançado.

O verso frouxo, o estilo mui cansado,  
E sempre as expressões inconsequentes...  
Mas eu deixo falar os maldizentes,  
Vou seguindo o caminho já trilhado.

Faço versos se quero e, se me falta  
O consoante, mudo a cabeceira...  
E pouco a pouco a Musa se me exalta.

Trago sempre os assuntos na algibeira,  
E aquele que precisa origem alta  
Nunca os há de fazer por mais que queira.

## EPÍSTOLA SOBRE O FINGIMENTO POÉTICO

Francino, se me julgares  
Pelo que me vês escrito,  
Cuidarás que saí mal  
Do amoroso conflito.

Queixas de amor todos fazem,  
Inda mesmo os que não sentem,  
E muito mais os poetas  
Que por natureza mentem.

Tenho a lembrança inda viva  
Dos muitos que têm sofrido,  
De alguns porque tenho visto,  
Doutros porque tenho lido.

Quando com estas ideias  
Se me exalta a fantasia,  
Figuro o caso comigo  
E pinto a melancolia.

Pinto os ciúmes cruéis,  
As tristes desconfianças,  
As longas horas da ausência,  
Enganosas esperanças.

O coração nesse instante,  
Cheio de mil sentimentos,  
Descreve com vivas cores  
Próprios, alheios tormentos.

E para que mais me creias,  
Observa o que vou pintar,  
E se da paixão mais viva  
Se pode melhor falar:

“ – Cruel, porque me atormentas  
Se quando amor me juraste,  
A prometer-te outro tanto  
Meu coração obrigaste?

Que males te tinha feito,  
Que te fez o meu sossego?  
Querer amor por amor?  
Esta ambição não a nego.

Talvez se menos te amasse  
Então mais feliz seria:  
Míl vezes nascem paixões  
Da vaidade ou fantasia!

Se por me ver desprezar  
Outros que me rodeavam,  
Cresceram os teus desejos,  
Minhas forças me enganavam:

Tiveste maior poder,  
Eu minhas forças perdi:  
Sou outra, quem tal dissera!,  
Desde o instante em que te vi.

Hoje, quanto te agradava  
Parece que tem fugido...  
Se te resta alguma cousa  
É seres reconhecido.

Mas amor não se contenta  
De uma frouxa gratidão:  
Sentimentos dessa classe  
Não enchem meu coração.

Ou ama-me como dantes,  
Ou deixa-me de uma vez:  
Dê-me a ventura de novo  
Quem já infeliz me fez!...”

Dize-me agora, Francino,  
Que mais poderá expressar  
Qualquer a quem tu julgasses  
No maior ponto de amar?

Ouve, pois, não me crimines  
Se falo a nua verdade:  
A não amar me ensinou  
Dos homens a falsidade.

Mais sincera do que muitas  
O meu tributo paguei,  
Amorosas, vivas chamas  
Com triste pranto reguei.

Pudera com mil enganoso  
Outros enganoso pagar...  
Sou hoje mais venturoso  
Porque deles sei zombar.

## SONETO SOBRE A CRUELDADE DE UM AMANTE

Dize, cruel: se os ternos sentimentos  
Do mais constante amor tanto violentam,  
Que hão de fazer aqueles que experimentam  
Da tua indiferença os movimentos?

Que te custam os livres fingimentos,  
-----

Que doces esperanças alimentam,  
Ah!, Coração cruel, assim seus tormentos?

Zombas de quem te adora, e descuidado  
Ouves com gesto sempre indiferente  
O suspiro mais triste e magoado.

Tirana condição da humana gente!  
Mas olha que o Amor será vingado:  
Tu sentirás também o que outrem sente.



## ODE À IMORTALIDADE FÍSICA, DEDUZIDA DA BREVE EXISTÊNCIA DO HOMEM

Dedicado a Luís Pinto de Sousa

Como te escapam rápidos, dolosos,  
Oh, homem, os teus dias!...  
Infante choras, púbere desejas,  
Viril cuidas, empreendes,  
Velho deliras, e de quinze lustros  
É teu um lustro apenas:  
Um lustro que, tirando-lhe as fadigas  
Dos mal vingados gostos,  
Talvez somente na soldada conta  
Ao quarto de uma lua!  
Escassa duração de um ser nascido  
Para gozar vivendo!...  
Desde o pequeno arbusto ao cedro ilustre,  
Que duradouros troncos!...  
Do soberbo elefante ao vil inseto,  
Que progressões, que vidas!...  
Habitantes do ar, vós sobranceiros  
Ao terramoto, à guerra...

Olhando a prumo, para o sol sustendo  
A pálpebra mimosa,  
De um golpe só, geógrafos cruzando  
De costa a costa os mares!...  
Peixes, brutos, metálicas substâncias  
Potentes dirigindo!...  
Se eu subo mais acima, e se calculo,  
(Com tua força e *motu*,  
Doutor Herschel, Newton) o *motu*, e a força  
Ousada lhe descrevo,  
Na reta infinda dos espaços ambos,  
A harmónica existência.  
[...] Então mesquinho um ponto só te cabe  
Na imensurável linha!  
Não busques novos sóis, distantes climas  
Por alongar teus dias.  
Em toda a latitude é vário o modo,  
Mas o termo preciso.  
Fome, sicuta, atroz punhal sufocam  
Camões, Sócrates, César.  
Na África ardente, na gelada zona,  
Na salutar Europa,  
O Príncipe, o Vassalo, oculta, nutrem  
A víbora no peito.

Ah! se não foras tu, lei, força, ou causa,  
Simpatia ou virtude  
Das plantas sexuais pendente vida  
No prolífico estame!  
Ah! se não fosses tu, crime e delícias  
Dos pensadores entes,  
Alma celeste, Amor, que ativo ardendo  
Um Luís reproduzes  
No peito aflito da infeliz Natércia,  
Uma hora <eu> não vivera.

SONETO FALSAMENTE ATRIBUÍDO A  
PAULINO ANTÓNIO CABRAL, ABADE DE  
JAZENTE

Zoroastro na Pérsia, Hermes no Egito,  
No símbolo da luz, no da serpente  
Ao mundo deram Leis; que reverente  
Guardou com firme e com sagrado rito.

Depois o condutor do Hebreu proscrito  
Outras novas propôs; e ultimamente  
Veio o Evangelho iluminar a gente  
E iludir o Alcorão, povo infinito.

A terra toda assim se conduzia  
Recebendo os preceitos da piedade  
No culto que visível se fazia.

Até que veio enfim a nossa idade  
E, fazendo de todas zombaria,  
Forma outra nova lei da liberdade.

## TESOURO

Honras que a cega gente tanto preza,  
Glórias, que de inconstância são seguidas,  
Ações do vulgo insano repetidas,  
Empolada soberba, vil riqueza;

Brilhantes produções da natureza  
Por quem se arriscam importantes vidas:  
De mim nunca sereis apetedidas,  
Ânimo grande que ambição despreza.

Desejo sim, no número avultado  
Daqueles que me juram amizade  
Achar um coração fiel e honrado.

Pois como disto há pouca quantidade  
Mais vale um bom amigo ter ao lado  
Que as riquezas, honras e majestade.

## DÉCIMA AO OUTONO

Pelos montes e vales vão caindo  
As folhas desbotadas,  
E já de perto o gado está sentindo  
O peso das geadas...  
Mas nada vos assuste, ó Pastorinhas,  
E vinde ao nosso lar com as capinhas,  
Pois que a loura castanha  
Já berra na fogueira e convidando.  
Nada mais vos detenha,  
Que a lira da amizade está tocando.

## CULTURA

Qual lavrador, que cuidadoso intenta  
A grama desterrar da sementeira,  
Que depois de cortada a vez primeira  
Mais cresce, multiplica e mais se aumenta,

De novo outros cuidados acrescenta  
Sem que tema trabalho nem canseira.  
Mas extinta a não vê por mais que queira;  
Crescer a deixa, assim se desalenta.

Qual lavrador, também tenho intentado  
Com justa causa desterrar do peito  
A causa de meu fúnebre cuidado.

Não consegui-lo com razão suspeito;  
Pois como grama nele tem brotado  
Com nova força, o meu amor perfeito.

## SONETO SOBRE UMA ROTA

Qual a nau que dos ventos combatida  
Vai entre as crespas ondas flutuando,  
Ora os soberbos mastros encurvando,  
Ora na branca espuma submergida,

Assim também a minha triste vida  
Contra os cansados males vai lutando,  
A ideia da esperança abandonando  
Qual o sábio piloto a nau perdida.

No triste pensamento em vão forcejo  
Encontrar o prazer que a alma procura;  
Fica sempre frustrado o meu desejo.

E tão infeliz sou que por ventura  
Até dos néscios o viver invejo,  
Que inda a mais me condena a sorte dura.



## FÁBULA DA ARANHA E DO MOSQUITO

A Aranha e mais o Mosquito  
Fortemente contendiam:  
Qual seria o mais feliz  
Dos modos por que viviam?

O Mosquito lhe dizia:  
“— Tu te nutres de poeira,  
Passas metida num canto  
Todo o dia e noite inteira.

Trabalhas sem descansar,  
Nem podes dali sair,  
Sustenta-te a simples mosca,  
Que vai na teia cair.

Eu canto e ergo os meus voos  
Aos tetos mais levantados,  
Muitas vezes me alimento  
Dos sangues mais delicados.

Se alguém me quer perseguir,  
Os meus voos me defendem:  
A si próprios se maltratam  
Os que matar-me pretendem.”

“ – Quanto dizes é verdade...  
Mas eu, sem temor de nada,  
Passo nos cantos da casa  
Os meus dias descansada.

Tu, Mosquito impertinente,  
Se te não podem chegar,  
Esperam que o frio inverno  
Teus dias venha acabar!”

Vejam no pequeno inseto  
Um exemplo demonstrado  
Que dos maus por toda a gente  
O castigo é desejado.

## ODE ANACREÔNTICA SOBRE O AMOR EM VELHA

Tirano amor, não quisera  
Escutar mais que a razão...  
Porém, como hei de esquecer-te  
Se habitas meu coração?

Nem as faces enrugadas,  
Nem o cabelo nevado  
Te afugentaram de mim:  
Tu vives sempre a meu lado.

Se te questiono por isto,  
A resposta não te esquece:  
Já me disseste mil vezes  
Que <a> alma não envelhece.

Envolvida nos deveres  
Que os sacros ritos aprovam,  
Todos os dias em mim  
Os teus laços se renovam.

Da pacífica amizade  
Não sei ocupar o peito,  
Não me deixa inda que queira  
O coração satisfeito.

Oh!, quanto melhor me fora  
Como os outros vegetar,  
Que se prazer não tivera  
Também não tinha pesar.

Bem que teus dons lisonjeiros  
Felizes possam fazer,  
Tu os misturas de sorte  
Que sempre é curto o prazer.

ODE À PARTIDA DOS NOSSOS  
COMPATRIOTAS DO REGIMENTO DE  
CAMPO MAIOR PARA CÁDIS, EM AUXÍLIO  
DOS ESPANHÓIS (1810)

Às Armas! – clama a voz da heroicidade;  
Portugueses, ouvi: não vos assustem  
Os vizinhos reveses,  
Que o valor verdadeiro não precisa  
De malhas nem de arneses.  
Correi, calcai os campos que juncaram  
Corpos de Sarracenos e Romanos,  
Que sem temer da guerra a sorte vária  
Governaram ufanos!  
Se um déspota cruel seu trono assenta  
Sobre ruínas, mortes, roubo, estrago,  
Esquece por momentos o destino  
De Roma e de Cartago:  
Ide lembrar-lho vós, e destemidos  
Lançai em terra o monstro da fortuna  
Do trono em que vacila.  
Venceram: mas também foram vencidos  
Mário, César e Sila.

Qual de vós não contempla a sorte dura  
Da irmã, da esposa, da inocente filha,  
Ornadas das virtudes e das graças  
Em que a modéstia brilha?  
Qual não figura o quadro lastimoso  
De as ver convulsas, de temor perdidas,  
Arrastar ao penoso sacrifício,  
Maior que o dar as vidas!...  
Entre os braços de um monstro enfurecido  
(Treme a razão, vacila o pensamento!),  
De sangue denegridos,  
Roubar do casto seio doces prémios  
Só a amor concedidos!  
Os campos devastados, as ruínas,  
Incêndios, roubos, crueldade, mortes,  
Atropelar as leis da humanidade  
Em lúbricos transportes...  
Lágrimas tristes de caduco velho,  
Que mal sustenta o corpo já curvado,  
Quase cessando de correr nas veias  
Débil sangue gelado.  
Qual não vê, de entre as mãos dum furioso,  
Partir incerto, a morte semeando,  
O fumegante tiro,

Confundindo sem escolha o ai primeiro  
Com o último suspiro!  
Qual... Mas não, não procuro encarecer-vos,  
Os males que na mente inda figuro.  
Sois Portugueses, basta, de Heróis netos,  
O coração é puro.  
Na vossa heroicidade, a nação toda  
Firma esperanças de brilhante glória,  
Possam vossas ações, ações antigas  
Ofuscar da memória.  
Ide; mostrai ao Mundo que não teme  
O que tem por escudo a causa justa.  
O dever, a razão  
Mais firme, mais segura fazer podem  
A vossa dextra mão.  
Os bronzes incendidos, as espadas,  
Dos corpos as cabeças destroncando,  
Energia, valor, brio, destreza  
Melhor irão mostrando.  
Um Génio benfazejo vos protege.  
Una-vos todos a ambição da Glória;  
Prendei a cega deusa da Fortuna  
Ao carro da Vitória.  
Voltai triunfantes aos paternos lares,

Trazei convosco a paz e a liberdade.  
O Monstro enfurecido  
Deixai envolto no seu próprio nada  
Até ser confundido.  
Da bárbara ambição que o devorava  
Veja por fim o fruto desgraçado;  
Alimente-lhe ainda a infame vida  
Um sangue envenenado.  
Meus votos ouça o Deus Omnipotente.  
Já que esta alma me deu, melhor fizera  
Se aos campos, aonde ides colher louros,  
Eu seguir-vos pudera.  
Mas nem sempre, na ordem que nos rege,  
Vem o poder unido com o desejo.  
É quando outra experiência me faltara,  
Agora mesmo o vejo.  
Ide; vencei, voltaí, cingi as coroas  
Que à virtude e ao valor são destinadas:  
Sabei que à vossa sorte tenho inveja:  
Nasci livre, amo as leis, Príncipes, Pátria;  
E o que escravo quer ser escravo seja.



## DÉCIMA AO INVERNO

Embora cresça a neve nas montanhas,  
E se aumente nos campos a geada,  
Que a fogueira já pode assar castanhas  
Para base da pinga decantada.  
Vinde já, sem demora, ó meus devotos,  
Porque, se assim vos falo,  
É por estar ouvindo os alvorotos  
Que se aproximam da missa do galo.  
Nem vos deixeis ficar, ó minhas belas,  
Com medo dos espectros desfolhados,  
Pois vindo com capotes e chinelas  
Podeis gozar da festa sem cuidados.

## SONETO SOBRE UMA PINTURA

Risca o Pintor a cópia da pintura,  
Busca os pincéis e as tintas preparando,  
Naquelas mortas cores vai mostrando  
A mesma imagem que pintar procura.

Anima as cores, orna-se a pintura,  
E um pouco de tempo trabalhando,  
Tão própria à imagem ela vai ficando  
Que para distingui-la a ideia apura.

Eu, qual outro pintor, tintas buscava  
Para um quadro fazer, que sem engano  
Mostrasse o que em meu peito se ocultava.

Deitei as tintas, tive o desengano:  
Sempre nas mortas cores me ficava;  
Arrojei o pincel, rasguei o pano.

ODE SOBRE O CONVÍVIO  
[PRAIA DE ALVIDRAR, SINTRA]

Em vão a arte disputa  
O poder à natureza.  
Não sabe por mais que queira  
Imitar tanta beleza.  
O contínuo movimento  
Das águas que à praia vêm,  
Como montanhas de prata  
Nenhuma imitação têm.  
O Sol que nelas reflete  
São outros tantos brilhantes  
Que os raios multiplicados  
Mostram todos os instantes.  
Os elevados rochedos  
Parecem prender o mar,  
Com eles querem as ondas  
Rija força disputar.  
Que pouco podem os homens!  
Com este horror comparados,  
São na massa do universo  
Uns átomos limitados.

O mar e as rochas duras  
Do tempo vão triunfando...  
Por eles sem ter mudança  
Vão os séculos passando.  
Porém já que a Providência  
Nossa sorte fez diferente,  
E em lugar doutras vantagens  
Nos deu uma alma que sente,  
Tiremos todo o partido  
Do tempo e mais da razão:  
Gozemos com liberdade  
A pura satisfação.  
Entre os amigos sinceros  
Nos cubra a doce alegria,  
E deste estado passemos,  
Se é preciso, à campã fria.  
Teme o fim o que é culpado;  
Mas nada tem que temer  
Quem procurar na virtude  
O centro do seu prazer.  
Alegres, nossos cuidados  
No bom vinho mergulhemos,  
E à liberdade decente  
Este dia consagremos.

## QUINTILHA SOBRE A PAZ POSSÍVEL NO CAOS

Cante embora o desgraçado  
Ao som da dura corrente,  
Enquanto o grilhão pesado,  
Com mão robusta e valente,  
Não quebra e desfaz irado.  
Não tema o Náutico astuto  
Da tormenta a confusão,  
E com rosto sempre enxuto  
Sustente com rija mão  
O que ao mar paga tributo.  
Maquiavélicas finezas  
Estude o sagaz Ministro,  
Consiga grandes empresas,  
Enquanto braço sinistro  
Lhe tira das mãos as presas.  
O Cortesão atrevido  
Ganhe do Rei o favor,  
Julgue de si presumido  
Que é o vassalo melhor  
Que algum Monarca tem tido.

Sacrifique os seus cuidados  
Qualquer à sua ventura,  
E dos ânimos dobrados,  
Mudando sempre a figura,  
Se engane com os enganados.  
Um cansado na fadiga  
Adquire os bens e a fama,  
A outro a desgraça obriga  
Que deixando o que mais ama  
Incerta fortuna siga.  
Busquem todos por seu modo  
Alcançar o que desejam,  
Que eu com tudo me acomodo:  
E mais são os que me invejam  
Que eu invejo ao mundo todo.  
Nos discursos inocentes  
Examino a natureza:  
Amo e estimo os meus parentes  
Sem que lhe<s> mostre a vileza  
Dos ânimos dependentes.  
Vejo de longe a tormenta  
Ao Náutico ameaçando:  
Vejo a cadeia violenta  
Em pedaços ir quebrando

A mão que firme a sustenta.  
Vejo o Ministro incansável  
Mil negócios revolvendo.  
Vejo o Cortesão amável  
Mil cortesias fazendo  
Por seu modo abominável.  
Tudo vejo, tudo admiro,  
E o volúvel pensamento  
Em arrebatado giro  
Me traz ao conhecimento  
Outras coisas que eu infiro.  
Cada vez mais se acrescenta  
A ideia da sã verdade,  
E nesta guerra violenta  
De tanta variedade  
Nada me assusta ou me alenta.  
Se alguma vez a desgraça  
Quer de seu braço ferir-me,  
Assento que tudo passa,  
E que para perseguir-me  
Mais outro esforço não faça.  
Tranquila já não receio  
Da sorte as contradições,  
E dos prazeres no seio,

No desprezo das paixões  
Tenho todo o meu recreio.  
Desprezo os adutores,  
Como insípidos e fracos.  
Não vulgarizo favores,  
Aos ânimos velhacos,  
Que são dos maus os piores.  
Nada para o bem me resta,  
Assim satisfeita passo:  
Nada os meus dias funesta,  
E a glória, no mundo escasso,  
Ou a não há, ou é esta.



## REGULAMENTO PARA UMA SOCIEDADE EM SINTRA

Senhores, não pode haver  
agrado na sociedade  
quando nela se não goza  
da decente liberdade.

Estudar sempre [as] palavras[,]  
sentir o constrangimento,  
não dá lugar ao prazer,  
afasta o contentamento.

Por isso é mui necessário  
que nas nossas assembleias  
da recíproca amizade  
se apertem mais as cadeias.

Faremos causa comum  
banir a maledicência;  
que a vil, que a pérfida intriga  
não possa ter influência.

Que cada qual a seu modo  
busque os meios de entreter-se;  
da escolha, qualquer que seja,  
que ninguém deva ofender-se...

Que as Senhoras generosas  
não mostrem tanta ambição,  
e não façam monopólio  
da sua conversação.

É justo que todos gozem  
daquilo que é bom e belo;  
e o que mais se distinguir  
sirva aos outros de modelo.

O bom chá sem profusão,  
jogo quieto e moderado,  
não cogitar de futuros,  
nem lamentar o passado.

Buscar discursos alegres;  
porém de tal qualidade  
que instruem e que divirtam  
pessoas de toda a idade.

Sem atenção afetada,  
receber a companhia  
e conservar entre todos  
a mais perfeita harmonia.

Adotando este sistema,  
não poderemos temer,  
que sem urgente motivo  
fuja de nós o prazer.

Voarão as ledas horas  
sobre as asas da alegria,  
e com um novo prazer  
veremos o novo dia.

O JOGO DO VOLTARETE  
“A BULHA DO JOGO DO VOLTARETE  
ENTRE MME. BOURRA/ E C. R. FREIRE”

Não canto a guerra de infernais gigantes,  
Que os montes contra os Céus arremessaram,  
Nem a piedade canto com [que] os filhos  
Os decrépitos Pais pios salvaram.  
A minha pena em negro sangue tinta  
Nunca o mundo verá: a minha Musa,  
No regaço do amor sempre embalada,  
De assuntos tristes com razão se escusa.  
As guerras de Farsália e dos Troianos,  
Que por mil outros foram já cantadas,  
Por combates maiores deixo à parte...

Eu canto o Ás-de-Paus e o Ás-de-Espadas.  
Vem, oh, Musa, tempera a lira de ouro,  
Dá-me o plectro fiel da sã verdade!  
Veja o mundo o que pode um vão joguinho  
Contra razão, decência e amizade.  
Pinta-me o Quarto, os Castiçais, a Mesa,  
Teatro infausto da cruel batalha,

Os rostos carrancudos e enfiados,  
Com que um e outro ali disputa e ralha!  
Para passar o tempo alegremente,  
Conhecidos parceiros se ajustaram  
E, disposta a partida, o Voltarete  
A jogar todos três principiaram.  
As horas em sossego assim corriam,  
E alegre e satisfeita a parceirada  
Parecia gozar naquele instante  
Da vida mais feliz e descansada...  
Mas a cruel Discórdia, que não sofre  
Nem por momentos alegria pura,  
No baralho esconder vai subtilmente  
A torpe, horrenda, infernal figura.  
Pede a simples licença um dos parceiros,  
Quasi seguro que lha não negassem,  
Pois ficava obrigado à Cascarrilha  
Se os parceiros a mais ambos passassem...  
Eis que a Discórdia então, com negra astúcia,  
Deste cruel instante se aproveita  
E o veneno mortal de que de nutre  
Entre os Parceiros cuidadosa deita.  
À licença pedida um só responde.  
Trémulo então, e a voz entrecortando,

- *Passo*, o primeiro diz, que os Ases guarda  
De um Codilho esperanças pascentando.  
Aqui, Musa, preciso o teu auxílio,  
Busca o melhor pincel, prepara a tinta;  
Estuda tanto o belo original  
Que em nada a cópia dele se desminta.  
Todos de igual desejo acompanhados  
Principiam a Mão, [e] eis que aparecem  
Juntos os Ases pretos, negros Ases!,  
Vista com que os Parceiros estremeçam.  
Ambição, tu aqui não presidias;  
Mas talvez pela força do argumento  
Foste desta contenda malfadada  
O mais fatal e bárbaro instrumento.  
Ases cruéis! Instante desgraçado!  
O combate seria bem mais doce,  
abrandar-se-ia a fúria da contenda,  
Se em vez de um destes o Ás-de-Copas fosse.  
Um este pobre culpa de avareza,  
O outro a desconfiança só escuta;  
No meio das razões sem ter nenhuma,  
O objeto se confunde da disputa.  
A Discórdia contente do triunfo  
Batendo as asas vai ao ar subindo,

E do trágico fim deste sucesso  
Com prazer venenoso se vai rindo.  
Acabou-se a partida, e não a ira,  
E os Parceiros de cólera incendidos  
Vieram perturbar a sociedade  
Atroando dos outros os ouvidos.  
Depois de se fazerem mútua guerra,  
E a opinião dos outros consultando,  
Foram-se pouco a pouco, entre eles ambos,  
Os fogosos transportes dissipando.  
Sucedeu a bonança à tempestade,  
Já brandamente outros cuidados giram,  
Por emendar o mal que ambos fizeram  
Com coração contrito ambos suspiram.  
Musa, aqui é preciso mais ternura,  
Depõe agora o fúnebre aparato:  
Para imitar a voz do arrependido  
Quer-se doçura, não espalhafato.  
Da ira ao pranto passam num instante,  
Do pranto ao riso com igual presteza,  
E apenas ficam deste caso horrendo  
Um as ligeiras sombras de tristeza.

Basta, Musa, não mais, encolhe as velas,  
A doce paz as verdes mesas cubra,  
E debaixo do pano já ruçado  
Os negros Ases para sempre encubra.  
A faminta Discórdia mais não venha  
Perturbar a agradável sociedade,  
Dissipando os influxos turbulentos  
Uma constante e sólida amizade.



## AMOR E ENVELHECIMENTO

“— Cruel, para que me enganas  
Se outrem os teus passos guia?  
Porque pagas meus excessos  
Com pérfida aleivosia? [...]  
Posto que entre os meus cabelos  
Comece a neve a cair,  
Inda sinto aquele fogo  
Com que o posso desmentir.  
Então porque me desprezas?  
Dize, os meus crimes quais são?  
Ofendem-te meus excessos  
Por ter tanta duração?  
Quando passaram três dias  
Sem que... nem quero dizê-lo,  
Tu me desses vivas provas  
De um carinhoso desvelo?  
Não queres que desconfie  
E que não suponha ofensa,  
Se olhando para o passado  
Vejo tanta diferença?  
Agora dias e dias

Passarias sem me ouvir,  
Se a gratidão inda às vezes  
Te não fizesse aqui vir.  
Seguro do teu triunfo,  
Repousas sobre os loureiros;  
Não vês que perdem batalhas  
Os mais expertos guerreiros?  
Quando julgam coroar-se  
Com os louros da vitória,  
Em prémio do seu descuido  
Outro vem roubar-lhe a glória.  
Pouco a pouco vai morrendo  
O fogo sem alimento:  
Tem a mesma natureza  
O amoroso sentimento.

## VELHOS TEMAS

Não, Musa, mais de amor não cantaremos:  
Tanta gente de Amor tem já cantado,  
Que inda que tu me inspires desconfio  
Tomar de novo o quazi roto fio.

Perto do outono já da minha idade,  
Que poderei dizer? Que cantar posso?  
Para cantar alheio sentimento,  
Gela-se a ideia, esfria o pensamento.

Pintar como a esperança lisonjeira,  
Renasce às vezes no fiel amante;  
Bastando a desterrar toda a tristeza  
De uma furtiva vista a subtileza.

Pintar como inflamado o terno peito,  
Cobre o ar com terníssimos suspiros,  
Que ao passo que do peito vão saindo,  
Se vão um com outros confundindo.

Pintar o gosto com que se ouve apenas  
Uma confusa voz articular,  
Depois que largo tempo constrangidos,  
Mais valerão os olhos que os ouvidos.

Pintar como em tumulto os pensamentos  
Se vão rapidamente sucedendo,  
Que por mais que eloquente a língua seja,  
Nunca pode exprimir quanto deseja.

Pintar, pois, como em guerras amorosas  
Ternas e amargas lágrimas se vertem,  
Que qual orvalho as plantas animando  
Vão a amor novas forças aumentando...

Como da Aurora os tremulantes raios  
Alegram pouco a pouco os horizontes,  
À vista assim de suspirado amante,  
O que bem ama anima o seu semblante.

Pintar como em temores e esperanças  
Palpita o coração enternecido,  
Quando de amor e de ódio o filho injusto  
Esperado prazer transforma em susto.

Pintar o gosto com que em mútuo ardor,  
Já das passadas guerras esquecidas,  
Repetem suspirando docemente  
“Eu te amo, e te amarei eternamente” ...

Então um fogo nas veias lhe circula  
Novas cores as faces animando,  
Renovar vão o feito juramento,  
Mas as vozes lhe fogem num momento.

Mudas estátuas ficam. O silêncio  
Expressivo talvez fazer procuram;  
Porém estes suavíssimos instantes  
Só os conhecem os fiéis amantes.

Musa, não mais, de amor cantar não quero,  
Não sei que oculto incêndio alma me inflama.  
Musa, não mais, aqui a Canção fique,  
Quem melhor sentir, melhor explique.

## SONETO À AMIZADE

Enquanto os cortesãos adúladores  
Por chegar aos seus fins intrigas tecem  
E na posse do bem sempre se esquecem  
Do que devem a si e aos seus credores,

Enquanto outros com fins menos traidores  
Os princípios da honra desconhecem,  
Ou a Vénus só vítimas oferecem  
Gratificando apenas seus favores,

Nós aqui, em decente sociedade,  
Gozando do prazer sincero e puro,  
Novos laços firmamos de amizade.

Não nos cansam tristezas do futuro,  
Nem do passado temos saudade,  
E assim o bem se mostra mais seguro.

## SONETO SOBRE O CONHECIMENTO

Deu nome às águas Ícaro morrendo[,]  
Ícaro novo os ares invadindo  
[Placidamente] aos astros vai subindo  
E de lá sem soçobro vem descendo.

Quanto excede a glória este vencendo,  
Que obstáculos sem conta desmentindo,  
Esse que a presunção pagou caindo  
E no fatal despenho perecendo.

Presumidos Mancebos destas eras:  
Não fique para vós o exemplo mudo,  
Despejai as cabeças de quimeras.

Modéstia, aplicação, método e estudo  
Põem os mortais acima das esferas:  
Pouco importa empreender, saber é tudo.

## SONETO SOBRE O ENVELHECIMENTO

Correm do tempo as horas apressadas,  
Com elas vai fugindo a mocidade;  
Mas a nossa fantástica vaidade  
Julga tê-las na mão encadeadas.

Não deixa ver as faces descoradas,  
Os pensamentos sem atividade,  
Sem força a vista; e um sopro de verdade  
Que coisas nos mostrara não esperadas.

Qualquer de nós presume ser isento  
Desta do tempo bárbara incerteza,  
E assim distrai o louco pensamento.

Eu, que vejo de perto a natureza,  
Zombo de tudo isto e me contento  
De não ter esta espécie de fraqueza.



## EPÍSTOLA AO VINHO DO PORTO

Não é o néctar dos Deuses  
O que Corina te oferece,  
É do bom e velho Porto  
Que também louvor merece.

Não te digo que o recebas  
Só como sinal de amor,  
É justo que gostes dele  
Porque tem mui bom sabor.  
Se da pálida tristeza  
Sentires a alma cobrir,  
Bebe então um grande copo  
Que te pode distrair:  
Virão ligeiras ideias  
Elevar-te a fantasia,  
Entre alegres pensamentos  
Te farão passar o dia.  
Mil alígeros Amores  
Ao pé de ti revoando  
P'ra que deixes os receios  
Verás co' as setas brincando.

O carrancudo respeito  
Suas rugas encobrando,  
Tuas vagas esperanças  
Talvez aprove sorrindo.  
Mesmo a sisuda razão  
Tomará nova figura,  
Porque às vezes zomba dela  
Uma amorosa aventura.

O divino Anacreonte  
Que soube tão bem viver  
Com os prazeres de amor  
Misturava este prazer.

## SONETO SOBRE O TEMPO

Enquanto a Amor nos meus primeiros anos  
Entreguei sem reserva o pensamento,  
Brilhava em mim feliz contentamento,  
Nem da inconstância receava os danos.

Não via nas desgraças dos humanos  
Motivo que acordasse o sentimento,  
E qual poeira que arrebatava o vento  
Me fugiam da ideia os desenganos.

A ilusão dissipou-se com a idade:  
Achei-me só, o coração vazio,  
Sem amor, sem prazer, sem amizade.

Aproveitai a primavera, o estio,  
Não passeis sem cautela a mocidade,  
Vede que há de chegar o inverno frio.

## FÁBULA DO GALO IMPORTUNO

Um Galo todas as noutes  
A seu dono despertava,  
Quando em lisonjeiros sonhos  
Doces instantes passava.  
O dono, desesperado,  
De matá-lo protestou,  
E firme neste protesto  
De novo os olhos fechou.  
Passados poucos instantes  
Tornou o Galo a cantar.  
Acordou, viu junto ao leito  
Quem o queria matar.  
Não deve ser maltratada  
A mais fraca criatura,  
Porque às vezes da mais fraca  
Nos vem a maior ventura.

## SONETO SOBRE AS ESTAÇÕES DA VIDA

Foge da nossa idade a primavera.  
O estio, o outono bem depressa passa:  
Quando do inverno a mão nos ameaça  
Qualquer de nós atrás voltar quisera.

Aquele que feliz se considera  
Não escapa aos assaltos da desgraça;  
Nos dons incertos da fortuna escassa  
Ninguém sensato duração espera.

É vária a terra, vário o firmamento,  
Tudo perde o seu ser, tudo se ilude,  
Tudo vai acabar no esquecimento.

Mas pouco importa que o universo mude.  
Tu, qual rochedo imóvel contra o vento,  
Sempre a mesma serás, sacra Virtude.

## FÁBULA DO CUCO

O Cuco vai noutro ninho  
Seus ovos depositar:  
Quer ter filhos, mas não quer  
O trabalho de os criar.

O Passarinho que os [cria]  
Bem vê que foi enganado,  
Mas não se atreve a deixá-los  
Depois de os haver criado.

Erguem os primeiros voos  
A quem os criou seguindo,  
E dos pais, se os encontrarem,  
Tímidos irão fugindo.

Vede neste exemplo, oh, pais!  
Qual é vossa obrigação:  
Pouco vale a natureza  
Sem o amor da criação.

## CANÇÃO À MÚSICA

Vem celeste prazer, doce harmonia,  
Desterrem teus inflexos de meu peito  
Minha quasi mortal melancolia:  
Sinta meu coração teu nobre efeito,  
Teu mágico poder sobre mim desça,  
Meus acerbos cuidados adormeça.  
Tu, que de Orfeu a mão industriosa  
Sobre a Lira regeste,  
E no abismo por força desse encanto  
Livre acesso lhe deste...  
Tu, que as Fúrias do Averno enfurecidas  
Fizeste compassivas, maviosas,  
Queixas ouvir do amante enternecidas,  
Que sem temer as sombras pavorosas  
Entre os mortos buscava a sua amada,  
Que a seu ardente amor fora roubada...  
Tu que pudeste desse cão raivoso  
A ira adormecer  
De modo que passou junto a seu lado  
Sem quasi o perceber...  
Tu, que os muros de Tebas levantaste

D' Anfião afinando a branda Lira,  
Quando harmónico canto lhe <s> inspiraste,  
Ao qual vivente algum não resistira  
(Antes por tais influxos animados,  
No trabalho os esforços são dobrados)...  
Da mágica Sereia o meigo canto  
As ondas adormecem,  
Os ventos se suspendem, respeitosos  
Só Zéfiros parecem.  
Ulisses, encantados os sentidos,  
Já da viagem menos cuidadoso,  
Toda a sua alma passa aos seus ouvidos:  
Já não derrama pranto saudoso,  
Se o harmónico canto mais durara  
A desejada Ítaca não buscara...  
Tu, que animas o triste prisioneiro  
Que arrastando grilhões,  
Com o seu canto moderar procura  
As suas aflições...  
Tu, que enterneces da beleza ingrata  
O duro coração, amor esquivo,  
Que ao terno amante com desprezo trata,  
Que acendendo em sua alma fogo ativo,  
Seguindo da harmonia os soltos giros,



Lhe arrancas sem querer meigos suspiros,  
Suspendes docemente as faculdades,  
E, ao som das brandas vozes,  
Os dias co' o prazer parece fogem  
Quais instantes velozes...  
Vem, não me negues teu favor divino,  
Com ele abrandas mui suavemente  
A minha dor, o meu fatal destino...  
Das cruéis mágoas que minha alma sente,  
Faze que se modere a força ímpia!  
Exerce o teu poder doce harmonia.  
Converte as vozes do penar nascidas  
Em canto harmonioso...  
Mas ah!, que em vão desejo, em vão procuro  
Um dia venturoso.  
Debalde imploro o teu poder augusto;  
Minha alma amortecida já não sabe  
Dar aos encantos teus o apreço justo...  
O que eu te rogo no possível cabe:  
Para não ofender brandos ouvidos,  
Faze menos discordes meus gemidos:

Canção, vai sobre as asas da harmonia  
Buscar-me algum sossego...  
Vê se podes mudar meu triste pranto  
Em mais suave emprego.

## SONETO AUTOBIOGRÁFICO

Passei dos anos a estação primeira  
Livre de susto, isenta de cuidado,  
O meu nome entre muitos foi levado  
Sobre as asas da fama lisonjeira.

Busquei do mundo a glória verdadeira,  
Que pode adquirir um peito honrado,  
Fugiu de mim o bafo envenenado  
Da inveja mordaz, ímpia e grosseira.

Amei os meus e deles fui amada,  
Viajei e corri terras estranhas,  
Cantei heróis e de outros fui cantada.

E depois de passar coisas tamanhas  
Nada ambiciono mais que descansada  
Comer ao pé do lar quentes castanhas.

## SONETO DITADO AO CONFESSOR À HORA DA MORTE

Grande Deus, que do alto desse trono  
Lanças o braço ao pecador contrito,  
Escuta do remorso o humilde grito,  
Das tuas leis perdoa o abandono.

Tu, da Graça eficaz único dono,  
Que nunca a pena igualas ao delito,  
Dá sossego ao coração aflito  
Tão próximo a dormir eterno sono.

Debaixo de uma mágica aparência,  
Encobri os requintes da maldade...  
Mas qual é hoje a triste consequência?

Não me negues, Senhor, tua piedade!  
Tiraste-me do abismo da imprudência,  
Dá-me uma venturosa eternidade.

## UMA FÁBULA SOBRE AUTORES

Certo pássaro atrevido,  
Que de si não confiava,  
Vestido de alheias penas  
Entre os outros se mostrava.

Os mais que isto aperceberam  
Contra ele se voltaram,  
Cada qual tirou a sua,  
Num instante o depenaram.

Cuidado, fracos autores,  
Não busqueis luz emprestada,  
Se vos tirarem o alheio  
Talvez vos não fique nada.

/ 300

*Catarina de Lencastre, 1.ª Viscondessa de Balsemão, Antologia organizada por Maria Luisa Malato*, com capa com ilustração de Carina Silva, foi composto em caracteres Capsa, seguindo a linha gráfica da coleção *de minimis*, tendo sido impresso em Arena Natural Rough, um papel produzido de acordo com normas respeitadoras do meio ambiente, na Diário do Minho, Guimarães, em novembro de 2024, com uma tiragem de 300 exemplares, numerados e com selo branco da Sociedade Martins Sarmento, dos quais 250 foram postos à venda.

de minimis /003

# SMS

Sociedade Martins Sarmento